

A POSSIBILIDADE DA UTILIZAÇÃO DE DIVERSAS FONTES PARA ESCREVER A HISTÓRIA DO NEGRO.

Zilma Maria Silva Marques

Por muitos anos, os negros foram excluídos da historiografia oficial brasileira, por ocuparem espaços inferiores e discriminatórios nos discursos difundidos pela elite branca que, carregada das idéias eugênicas e eurocêntricas, concebiam como adequado o papel secundário destinado a esse segmento. De acordo com Paim Pinto (1987), a carência dos estudos sistematizados sobre a educação do negro até então poderia ser explicada em decorrência do descuido de levantamentos oficiais sobre a composição racial do povo brasileiro e pela falta de informações sobre suas especificidades raciais nos diagnósticos educacionais.

Entretanto, desde os primeiros anos do século XXI ocorreu o aumento de pesquisas que tratam da presença da população negra na escola numa perspectiva histórica. Exemplos desses estudos são as obras já publicadas de Silva, Peres, Fonseca e Müller. Esses estudos buscam apontar a presença dos negros nos diferentes períodos da história da educação brasileira, contribuindo para que a invisibilidade deste segmento seja superada.

A partir da intensificação das pesquisas relacionadas à questão racial, especialmente no período da escravidão ou logo após a abolição, diversos pesquisadores têm enfrentado a delicada tarefa de localizar as fontes. Um dos desafios a ser superado é a ausência de documentos que indicam o pertencimento racial, seja no âmbito da educação ou em outros espaços sociais. Assim como, arquivos públicos e privados desordenados que dificultam a localização das fontes.

Mattos e Rios (2005), para resgatar a história dos ex-escravos e seus descendentes após a abolição, utilizaram de grande número de entrevistas orais com as famílias dos ex-escravos e mostram o quanto difícil, porém, significativo registrar a história, até então dos excluídos da historiografia. De acordo com as pesquisadoras, a análise das entrevistas orais possibilitou não apenas complementar as lacunas das fontes escritas para o estudo das populações libertas, mas também abriram perspectivas de análises das várias formas possíveis de passagem da escravidão para a liberdade.

Müller (2008) utiliza imagens fotográficas de professores e alunos para demonstrar que apesar de os documentos oficiais não registrarem a cor, havia sim uma parcela

significativa de alunos e professores negros nas escolas. A autora levou dez anos para fazer a pesquisa e teve a sorte de encontrar um conjunto de fotografias nos acervos pesquisados.

Peres (2002), por sua vez, analisa a presença de estudantes negros que frequentaram o curso noturno da Biblioteca Pública Pelotense no século XIX. A pesquisadora constatou que na documentação da escola não havia registro da condição racial dos alunos. Para averiguar a presença de alunos negros, Peres cruzou os nomes dos registros escolares com outras fontes, como jornais de entidades negras.

De acordo com essa autora, é fundamental ampliar o conceito de fontes, reinventar formas e estratégias de tratamento dessas fontes e construir também novas formas de interpretá-las para dar visibilidade à presença ou ausência do segmento negro no processo de educação/escolarização no contexto da educação brasileira. Peres, recomenda que trabalhar de modo criativo as fontes em História da Educação, formulando estratégias para superar os limites dos documentos, é essencial, uma vez que as escassas fontes existentes sobre o segmento negro nem sempre registram o pertencimento racial.

Nessa perspectiva, entende-se que a utilização de diversas fontes abre possibilidades de recuperação da experiência dos sujeitos sociais, que por muito tempo ficaram invisíveis como agentes históricos. É o caso dos alunos negros das instituições profissionalizantes de Cuiabá que ao terem seu universo revisitado, possibilitam a reconstituição do contexto social e escolar em que viviam.

O trabalho apresenta os desafios enfrentados para a conclusão da pesquisa de mestrado que trata da Educação do negro na Primeira República com recorte no ensino profissionalizante em duas Instituições de Cuiabá: a Escola de Aprendizizes Artífices, inaugurada em Cuiabá em 1º de janeiro de 1910 e o Lyceu Salesiano de Artes e Ofícios São Gonçalo, em 1898 instalam as oficinas profissionalizantes. É um estudo ligado ao Núcleo de Estudos e Pesquisas Relações Raciais na Educação - NEPRE e vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso. Tem como objetivo contribuir com o debate sobre os desafios enfrentados por pesquisadores que percorrem a história do negro, seja no âmbito educacional ou em outros espaços sociais, apresentado e discutindo as dificuldades para a localização das diversas fontes.

A criação das referidas escolas profissionalizantes é contígua a acontecimentos significativos no Brasil. A Proclamação da República e abolição da escravidão são dois

acontecimentos muito próximos e que influenciaram transformações no modo de vida dos brasileiros. Uma nação formada por cidadãos significa que perante a lei todos são iguais, com direitos e deveres a serem seguidos. O fim da escravidão colocou homens e mulheres que ainda viviam no cativeiro, na condição de cidadãos dessa nação. Mesmo que essa parcela da população já não fosse muita, o fim da escravidão por promulgação de lei Áurea não significou que toda a população negra livre e mestiça foi aceita e integrada na sociedade, sem restrições.

A introdução e assimilação das teorias racistas pela sociedade brasileira foram determinantes para se consolidar a ideia da inferioridade do negro e por em dúvida as qualidades do mestiço. O branqueamento da população foi a solução vislumbrada para transformar essa nação e torná-la digna de ser respeitada por outros países. Quanto mais brancos europeus, mais eram as possibilidades de ter uma nação com a composição racial branca, ou seja, a superior, mas esse projeto só apresentaria resultados em longo prazo.

Nesse contexto, com as aspirações da modernização e da industrialização do país, aliado à ideia de tornar a sociedade civilizada, o ensino profissionalizante passou a ser atribuição do recém criado Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Por iniciativa do Presidente Nilo Peçanha, em 23 de setembro de 1909, é assinado o Decreto nº 7.566 criando 19 Escolas de Aprendizes e Artífices destinadas aos “pobres e humildes” com ensino gratuito. No final do século XIX os primeiros salesianos chegaram ao Brasil e trouxeram com eles a pedagogia de D. Bosco. A meta principal desses educadores era a promoção das classes populares por meio da educação e formação profissional.

Segundo Chalhoub (1996), as classes pobres não passaram a ser vistas como perigosas apenas porque poderiam oferecer problemas para a organização do trabalho e a manutenção da ordem pública, mas, sobretudo porque representava iminente perigo de contágio, uma vez que sua representação no imaginário político brasileiro era por meio da metáfora da doença contagiosa. Para Veiga (2000) neste grupo estavam incluídos os mendigos, negros, loucos, prostitutas e rebeldes.

Contudo, alguns questionamentos foram sendo levantados ao longo da investigação. Como identificar o pertencimento racial dos alunos? Considerando que a população mato-grossense do período em estudo era constituída na maior parte de pobres com composição racial, na maioria de mestiços e negros, enquadravam-se os jovens negros ou não de Cuiabá e

das regiões próximas nos padrões educacionais pensados para os candidatos dessas escolas? Seriam eles ociosos propensos aos vícios e possíveis perturbadores da ordem estabelecida?

No início da pesquisa, pensávamos que encantaríamos farto material nos arquivos das instituições que revelasse a presença de alunos negros nas oficinas profissionalizantes, no entanto, a realidade enfrentada no decorrer da pesquisa mostrou-se exaustiva e desesperadora, pois deparei ausência de documentos escritos e arquivos desordenados, caso do IFMT. A surpresa foi imensa ao constatar que todos os documentos estavam depositados sem qualquer cuidado no corredor do prédio, ainda em construção. Eram pilhas de papéis, alguns empacotados e com datas, outros soltos e molhados pela chuva. Busquei organizá-los, no entanto, não havia espaço disponível para transportá-los e, contudo, as condições eram por demais tormentosas, o acúmulo de sujeira, poeira, o mau cheiro da urina de ratos e restos de insetos impossibilitou a continuação da tarefa.

A trajetória para identificar alunos negros nas instituições profissionalizantes.

- Os documentos oficiais

Para superar os desafios foi preciso percorrer longo caminho. Percorri o Arquivo Público de Mato Grosso (APMT), os Arquivos das Instituições de Ensino Colégio Salesiano São Gonçalo, Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT) e o Arquivo da Cúria Metropolitana de Cuiabá. Para a obtenção dos dados foram priorizadas fontes documentais escritas e icnográficas como livros de registros de exame final, fotografias, Relatórios de Instrução Pública, ofícios diversos, registro de recenseamento populacional de 1890 e periódicos que circularam no Estado de Mato Grosso no período pesquisado, e o Álbum Graphico do Estado de Matto-Grosso de 1914.

A entrevista também foi instrumento empregado no decorrer da pesquisa. Para localizar os senhores que foram entrevistados, buscamos informações com conhecidos, amigos e parentes de mais idade sobre os profissionais que se dedicaram aos ofícios que foram ensinados nas instituições e também percorri as ruas de Cuiabá procurando informações sobre sapateiros, alfaiates, carpinteiros e tipógrafos mais antigos.

Inicialmente, os primeiros nomes dos alunos da EAA foram localizados em alguns periódicos que circularam em Mato Grosso. Entre as fontes referentes ao Lyceu de Artes e

Ofícios São Gonçalo, localizei 03 (três) livros com os resultados de exames finais dos alunos que frequentaram as oficinas e o curso elementar, sendo que parte do acervo continha documentos a partir de 1930. Sobre os demais documentos do período pesquisado tivemos notícias que eles, provavelmente, foram incinerados por falta de espaço para arquivá-los. No entanto, não havia nos documentos localizados quaisquer indícios quanto ao pertencimento racial dos alunos.

A partir dessas informações foi possível elaborar quadros com os nomes dos alunos que frequentaram a Escola de Aprendizes Artífices nos anos de 1911, 1914 e 1916 e do Lyceu de Artes e Ofícios São Gonçalo entre os anos de 1898 a 1924.

De posse desses nomes, buscamos o censo de 1890 para identificar o pertencimento racial dos alunos, pois esse documento contém o item raça. O objetivo de cruzar os nomes da população listados no recenseamento, especialmente, com a idade entre 0 a 10 e, identificados no item raça como preta, com os dos alunos, principalmente as do Lyceu Salesiano de Artes e Ofícios São Gonçalo, que instalaram as oficinas desde 1897, por acreditar na probabilidade de identificação de jovens negros com idade entre 10 e 12 anos que frequentaram as oficinas do Lyceu. Contudo, não obtivemos sucesso, pois vários nomes que são relacionados com a cor preta listados no censo não aparecem completos. Os censos posteriores não foram consultados, pois o item que define o pertencimento racial não fez parte do referido levantamento censitário. Somente em 1940 é que ocorreu a inclusão da categoria cor.

Na busca por mais informações sobre os alunos negros das instituições, buscamos os arquivos da Cúria Metropolitana de Cuiabá. Os registros de batismos verificados foram os da Paróquia Catedral, Igreja Senhor dos Passos, Santa Casa de Misericórdia, Igreja Nossa Senhora do Rosário, Bella Vista, freguesia de Nossa Senhora da Boa Morte, Capella do Asylo Santa Rita, Capella do Colégio Salesiano, Bom Despacho e Seminário Episcopal de Cuiabá. Os registros verificados foram entre 1890 a 1923. Entretanto, é relevante ressaltar que não foram averiguados todos os registros dos anos acima.

Esse procedimento metodológico, de cruzar alguns nomes de alunos com os registros teve limites, pois as informações nos registros de batismo se limitam ao primeiro nome da criança batizada, nomes dos pais, nem sempre completos e corretos e, os nomes dos padrinhos.

- As Entrevistas

O uso da entrevista no contexto desta pesquisa contribuiu para obtenção de múltiplos subsídios que possibilitaram indagar e refletir sobre as instituições profissionalizantes e seus alunos, negros ou não.

O objetivo inicial era reunir maior quantidade possível de senhores que estudaram nas escolas profissionalizantes ou que conheceram outras pessoas que as frequentaram no período escolhido para o estudo, mas isso não foi possível. Após muitas indagações, contatamos seis senhores com idade variando entre 78 a 92 anos. Cabe observar que os entrevistados não estudaram nas escolas no período cronológico pesquisado, no entanto, é admissível inferir que a diferença entre os períodos não são distantes o suficiente para que pudessem ocorrer mudanças significativas na estrutura das escolas e da sociedade. Assim sendo, o depoimento de quase contemporâneos pode trazer novas perspectivas para a pesquisa e análises.

Para Bosi (1994), a memória como função social “possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos e pode chegar-nos pela memória dos velhos”. (p. 82) Sobre as lembranças das pessoas idosas a autora indica que nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida; elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas, elas já viveram quadros de referências familiares e culturais igualmente reconhecíveis.

As entrevistas confirmam que alunos negros, provenientes de famílias pobres frequentaram os cursos profissionalizantes da Escola de Aprendizes Artífices e do Lyceu de Artes e Ofícios São Gonçalo para estudar o primário, desenho e para aprender os ofícios oferecidos pelas escolas. No entanto, as entrevistas deixaram também espaços para a história de vida e as experiências individuais nas quais foi possível vislumbrar alguns aspectos das escolas e dos alunos, como o apadrinhamento para o ingresso nas escolas e, na escolha dos ofícios, o preconceito entre os próprios alunos em relação às profissões, a curta permanência da maioria dos alunos no Lyceu de Artes e Ofícios São Gonçalo.

- As imagens

A utilização da fotografia como documento é um conceito que se origina já com os primeiros usos por ela propiciados. A representação fotográfica acompanhou as

transformações sociais e necessidades de grupos que dela se serviram. Sua peculiaridade é apresentar duplo sentido: o que expõe e o que oculta.

Segundo Turazzi (2005), na historiografia do século XIX e boa parte do século XX, o documento escrito era encarado como fonte pronta e acabada que concebia ao historiador as certezas da História. No entanto, hoje, essas concepções já não respondem às nossas indagações sobre o passado e o presente das sociedades. Para muitos pesquisadores contemporâneos, o conhecimento histórico se constrói e se renova a cada dia com estudos e questionamentos de fontes de informações diversificadas – documentos textuais, visuais, entre outros. Trata-se, portanto, de outra postura metodológica diante dos documentos históricos em geral, na qual se inclui o documento fotográfico.

De acordo com Kossoy (2001, p. 32), as fontes fotográficas são uma possibilidade de investigação e descoberta que promete frutos na medida em que se tentar sistematizar suas informações, estabelecer metodologias adequadas de pesquisa e análise de seus conteúdos e, por consequência, da realidade que os originou.

Segundo Leite (1998, *apud* TURAZZI, 2005, p.01),

“um conhecimento pré-existente da realidade representada na imagem mostrou-se indispensável para o reconhecimento do conteúdo da fotografia. Essa apreensão requer, além de aguçados mecanismos de percepção visual, condições culturais adequadas, imaginação, dedução e comparação”.

Ciente das especificidades das imagens fotográficas, de seus alcances e limites como fontes, se faz necessário estar atenta às indicações de Burke (2004, p. 237) que “esses “documentos” precisam ser colocados no contexto político, cultural e material, incluído o lugar, o tempo, os interesses do artista e do patrocinador e a pretendida função da imagem”.

Apesar dos arquivos desordenados, da escassez e/ou inexistência de documentos escritos que demonstram o pertencimento racial dos alunos, foi possível agrupar e reordenar as fontes disponíveis.

No entanto, ainda que seja difícil precisar a cor dos alunos no período pesquisado, não é tarefa impossível se transformarmos essa dificuldade em um problema histórico. Trata-se de buscar todos os fiapos de informações e juntá-los em mosaicos de evidência até que esse verdadeiro “quebra-cabeça” apresente um quadro minimamente coerente. (MATTOS, 1998)

A confirmação da presença de alunos negros frequentando as oficinas profissionalizantes nas escolas, no período pesquisado, foi constatada por meio das

fotográficas do Lyceu Salesiano de Artes e Ofícios São Gonçalo e da Escola de Aprendizes que foram localizadas nos arquivos do Colégio São Gonçalo e no O Álbum Graphico do Estado de Mato Grosso de 1914.

Considerações

De acordo com as observações dos pesquisadores citados no início deste texto, resgatar a história do negro seja no âmbito da educação e em outros espaços sociais é empreitada que exige do pesquisador boa dose de paciência, intuição e persistência. Ao eleger como objeto da pesquisa alunos negros na educação profissional na Primeira República, revelou no decorrer da investigação o quanto é complexo dar visibilidade a esse grupo. As fontes são escassas e complicadas de serem localizadas. No entanto, os obstáculos enfrentados não foram somente devido à ausência de documentos escritos que revelasse o pertencimento racial dos alunos, mas, principalmente pelas condições dos documentos em precárias condições de preservação nos arquivos. Assim como, o receio dos responsáveis pela instituição salesiana em disponibilizar o acervo para pesquisa.

As fontes históricas são de extrema importância no processo de construção da trajetória de determinados segmentos da sociedade, como é o caso do negro. Contudo, a falta da conservação das fontes pode levar a errônea impressão que o negro não tem história. No entanto, essa ausência pode ser problematizada no sentido de que a não conservação das fontes ao longo do tempo pode relevar mais sobre a participação desse grupo em relação aos quais as fontes foram organizadas e preservadas.

REFERÊNCIAS

CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial**. São Paulo. Companhia das Letras, 1996.

KOSSOY, Boris, 1941. **Fotografias & História**. 2. ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. Site <http://books.gogle.com.br>. Acesso: 08 mar. 2011.

MÜLLER, Maria Lúcia Rodrigues. **A cor da escola: imagens da Primeira República**. Cuiabá. Entrelinhas/EdUFMT, 2008

PERES, Eliane. **Sob (re) o silêncio das fontes... A Trajetória de uma pesquisa em história da educação e o tratamento das questões étnico-raciais**. Revista Brasileira de História da Educação, n. 04, julho/dezembro, 2002. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/>. Acesso: 02/09/2010 às 16h40.

PINTO, Regina Phaim. A educação do negro: uma revisão da bibliografia. **Caderno Pesquisa**. São Paulo (62). p. 3-34, Agosto 1987. Disponível: <http://www.Fec.org.br/pesquisa/publicações/cp/arquivo>. Acesso em: 03 set. 2010.

TURAZZI, Maria Inez. **História. A fotografia e o ensino de História**. Local: Moderna, 2005. Site www.moderna.com.br. Acesso em: 08. Mar.2011.

VEIGA, Cythia Greive. **Educação Estética para o Povo**. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. 2. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 398/422.